Introdução: por que as igrejas tradicionais possuem “limites”?

Um dos aspectos que mais surpreendem aqueles que entram numa igreja antiga é descobrir que o altar nem sempre esteve completamente aberto para o restante do edifício sagrado. Em muitas igrejas permanecem ainda hoje a balaustrada da Comunhão, os degraus que conduzem ao presbitério, as grades do coro, as divisórias, a iconóstase nas Igrejas orientais ou até mesmo os antigos véus litúrgicos que ocultavam determinados momentos da celebração.

Para muitos olhares modernos, acostumados a identificar qualquer forma de separação com discriminação ou exclusão, estas estruturas podem parecer expressão de uma Igreja distante, clerical ou pouco acolhedora. Contudo, a realidade histórica, litúrgica e teológica é precisamente o contrário.

Estas separações nunca foram criadas para impedir o acesso a Deus. Foram criadas para ensinar que Deus é infinitamente santo.

A arquitetura sagrada sempre foi uma catequese construída com pedra, madeira, mármore e luz. Cada parede, cada degrau, cada cortina e cada espaço delimitado falavam silenciosamente de uma verdade espiritual: Deus está próximo, mas permanece o Três Vezes Santo.

O desaparecimento de muitos destes elementos ao longo do último século privou gerações inteiras de uma pedagogia visual que, durante quase dois mil anos, ajudou os cristãos a compreender o mistério da Eucaristia.

Compreender o significado do véu, da balaustrada e do presbitério não significa desejar um museu litúrgico. Significa redescobrir como a Igreja sempre quis conduzir o homem do mundo cotidiano para o eterno.

Deus sempre separou o sagrado do

profano

Um dos erros mais frequentes consiste em pensar que separar significa dividir.

Mas, na Bíblia, separar significa consagrar.

A própria palavra “santo” implica precisamente algo que é reservado para Deus.

Desde as primeiras páginas do Génesis encontramos esta pedagogia divina.

Deus separa:

- a luz das trevas;
- as águas superiores das águas inferiores;
- a terra seca do mar;
- o sábado dos outros dias;
- Israel das outras nações;
- os sacerdotes do restante do povo;
- o Templo do restante de Jerusalém.

A separação nunca é uma expressão de desprezo.

É uma consagração.

Como diz o Senhor:

> ***«Sede santos, porque Eu, o Senhor vosso Deus, sou santo.»***
>
> *(Levítico 19,2)*

Toda a história da salvação está marcada por esta dinâmica.

Aquilo que é santo não desaparece ao misturar-se com aquilo que é comum.

Pelo contrário.

Aquilo que é comum é elevado para aquilo que é santo.

O Templo de Jerusalém: uma grande catequese arquitetónica

Para compreender as nossas igrejas, devemos começar pelo Templo de Jerusalém.

Nada nele era casual.

Havia uma progressão dos espaços sagrados.

Primeiro estava o átrio dos gentios.

Depois o átrio das mulheres.

Em seguida o átrio de Israel.

Depois o átrio dos sacerdotes.

Seguia-se o Santo.

E finalmente o Santo dos Santos.

Cada espaço representava uma aproximação progressiva à presença divina.

Não era um sistema de classes sociais.

Era uma representação visível do caminho espiritual do homem.

O Santo dos Santos estava escondido atrás de um grande véu.

Atrás dele encontrava-se a Arca da Aliança.

Ninguém podia entrar.

Somente o Sumo Sacerdote.

E apenas uma vez por ano.

Tudo isto proclamava uma verdade profunda:

Deus habita no meio dos homens.

Mas Deus nunca deixa de ser Deus.

O véu do Templo: um símbolo imenso

O véu do Templo era um dos elementos mais sagrados do judaísmo.

Não era uma simples cortina.

Representava o mistério.

Representava a glória inacessível de Deus.

Representava a distância infinita entre o Criador e a criatura.

Por isso, quando Cristo morre na Cruz, acontece um dos acontecimentos mais impressionantes de toda a Sagrada Escritura.

> ***«E eis que o véu do Templo se rasgou em dois, de alto a baixo.»***

> *(Mateus 27,51)*

Este detalhe possui uma profundíssima riqueza teológica.

Não significa que o mistério tenha desaparecido.

Significa que Cristo abriu o acesso ao Pai.

O antigo sacerdócio já não é necessário.

Cristo é o novo Templo.

Cristo é o novo Sacerdote.

Cristo é o novo Sacrifício.

Cristo é o novo Caminho.

Contudo, o facto de o véu se ter rasgado não elimina o caráter sagrado do culto.

Transforma-o.

O Novo Testamento conserva o sentido do sagrado

Às vezes afirma-se que Jesus eliminou toda distinção entre o sagrado e o profano.

Nada poderia estar mais distante do Evangelho.

Jesus permite que todos se aproximem.

Mas também purifica o Templo.

Expulsa os comerciantes.

Chama-o de «a casa de meu Pai».

Também os Apóstolos conservam uma profunda reverência durante a fração do pão.

São Paulo escreve palavras muito sérias sobre a Eucaristia:

> ***«Assim, todo aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será réu do Corpo e do Sangue do Senhor.»***

> *(1 Coríntios 11,27)*

Estas palavras mostram que a proximidade com Cristo nunca elimina a necessidade de reverência.

Pelo contrário.

Quanto mais Deus se aproxima…

mais santa se torna a encontro.

As igrejas cristãs herdaram esta pedagogia

Desde os primeiros séculos, a arquitetura cristã desenvolveu uma organização do espaço sagrado inspirada no Templo, mas iluminada pelo mistério de Cristo.

Assim surgiram:

- o átrio;
- a nave;
- o coro;
- o santuário;
- o presbitério;
- os degraus do altar.

Não eram simples soluções arquitetónicas práticas.

Cada espaço possuía um significado espiritual.

A igreja inteira representava o universo.

A nave simbolizava o mundo em peregrinação.

O santuário representava o Céu.

O altar representava o próprio Cristo.

Por isso o sacerdote subia fisicamente os degraus.

Não porque fosse superior aos fiéis.

Mas porque agia sacramentalmente em nome de Cristo Cabeça.

O que representa realmente o presbitério?

O presbitério não é um palco.

Não é uma plataforma criada para que todos possam ser vistos.

É o espaço reservado à ação sacramental.

A sua própria elevação ensina que a liturgia é uma subida para Deus.

O livro do Apocalipse apresenta continuamente a liturgia celeste como uma realidade elevada.

O altar terrestre participa desta liturgia eterna.

Quando a Igreja celebra a Santa Missa, não está simplesmente realizando um ato religioso entre muitos outros.

Ela participa realmente do culto eterno do Céu.

Por isso o presbitério representa esta dimensão celeste.

A balaustrada da Comunhão: muito mais do que uma simples barreira

Provavelmente nenhum elemento arquitetónico foi tão mal compreendido quanto a balaustrada da Comunhão.

Muitos interpretam-na como um obstáculo que impedia os fiéis de se aproximarem do altar.

Historicamente, porém, acontece precisamente o contrário.

A balaustrada era exatamente o lugar onde o povo se aproximava para receber a Santa Comunhão.

Era um lugar de encontro.

Não de separação.

Era o equivalente cristão da soleira de uma casa.

Não impedia a entrada.

Indicava que se estava atravessando um espaço sagrado.

Ali o fiel ajoelhava-se.

Esperava.

Adorava.

E recebia o Rei do universo.

A balaustrada ensinava silenciosamente que a Comunhão não era algo comum.

Era um dom imenso.

Ajoelhar-se: a posição daqueles que reconhecem a grandeza de Deus

A balaustrada tinha também outra importante função.

Facilitava a receção da Comunhão de joelhos.

O joelho dobrado sempre foi um dos maiores sinais bíblicos de adoração.

São Paulo afirma:

> ***«Ao nome de Jesus todo o joelho se dobre no céu, na terra e nos abismos.»***
>
> *(Filipenses 2,10)*

A posição do corpo educa a alma.

Não porque Deus necessite dos nossos gestos.

Mas porque nós precisamos expressar corporalmente aquilo que acreditamos.

A liturgia sempre compreendeu que também o corpo reza.

A linguagem do espaço sagrado

Toda igreja tradicional estava cheia de limites simbólicos.

Degraus.

Grades.

Véus.

Lâmpadas.

Portas.

Todos estes elementos repetiam a mesma lição.

Entrar numa igreja significa abandonar pouco a pouco o mundo comum para entrar no Reino de Deus.

O homem moderno raramente distingue os espaços.

Tudo parece equivalente.

A Igreja, porém, recorda que nem todos os lugares possuem o mesmo significado.

Nem todos os espaços comunicam a mesma mensagem.

A arquitetura evangeliza.

Uma arquitetura que evangeliza

As igrejas nunca foram simples auditórios.

Nunca foram apenas lugares de reunião.

Cada elemento era pensado para conduzir a alma até Deus.

A altura das abóbadas elevava o olhar.

A orientação para o oriente recordava a espera do Senhor que vem.

Os vitrais filtravam a luz como imagem da graça.

O incenso tornava visível a oração que sobe ao Céu.

A balaustrada da Comunhão marcava o limiar do mistério.

O santuário evocava a Jerusalém celeste.

A arquitetura falava mesmo quando ninguém pregava.

Era uma verdadeira catequese de pedra.

A perda do sentido do mistério

Nas últimas décadas, muitas igrejas removeram as balaustradas da Comunhão, as grades do altar e outros elementos arquitetónicos tradicionais com o objetivo de favorecer uma maior participação visual e espacial dos fiéis. Em muitos casos, estas mudanças nasceram de determinadas escolhas pastorais ou da renovação dos edifícios religiosos, e não de uma exigência doutrinal universal.

Contudo, muitos pastores, teólogos e fiéis católicos observaram que, onde estes sinais visíveis desapareceram juntamente com os gestos de reverência e com uma sólida catequese sobre a Presença Real de Cristo na Eucaristia, verificou-se frequentemente também um enfraquecimento do sentido do mistério. O desaparecimento de um sinal visível pode tornar mais difícil compreender a realidade invisível que esse sinal procurava expressar.

A liturgia sempre foi uma linguagem de sinais. Quando esses sinais são reduzidos, a formação da fé exige um esforço catequético ainda maior para transmitir as mesmas verdades.

Não se trata simplesmente de uma questão estética ou de nostalgia pelo passado. Trata-se, antes, de recordar que a beleza, a harmonia, a proporção e a distinção dos espaços sagrados podem ser instrumentos pedagógicos poderosos, capazes de orientar o coração humano para Deus.

O véu cristão: esconder para revelar

O paradoxo do cristianismo consiste no facto de que Deus frequentemente se revela escondendo-Se.

Cristo nasce num estábulo.

A sua divindade permanece velada pela sua humanidade.

A Eucaristia aparece como pão.

Mas esse Pão é Deus.

A humildade do sinal visível não diminui a grandeza do mistério.

Pelo contrário.

Protege-o.

Os antigos véus litúrgicos ensinavam precisamente esta pedagogia.

Aquilo que está escondido não perde o seu valor.

Pelo contrário, adquire-o.

Porque aquilo que está velado convida à contemplação.

Uma arquitetura que evangeliza

As igrejas nunca foram pensadas como simples salas de reunião.

Nunca foram apenas lugares de encontro.

Cada elemento era concebido para conduzir a alma até Deus.

A altura das abóbadas elevava os olhos para o Céu.

A orientação para o oriente recordava a espera do Senhor que vem.

Os vitrais filtravam a luz como imagem da graça divina.

O incenso tornava visíveis as orações que sobem ao Céu.

A balaustrada da Comunhão marcava o limiar do mistério.

O santuário evocava a Jerusalém celeste.

A própria arquitetura falava, mesmo quando ninguém pregava.

Era verdadeiramente uma catequese construída em pedra.

Aplicações pastorais para o cristão de hoje

Embora muitas igrejas já não conservem as balaustradas da Comunhão, os véus litúrgicos ou determinados elementos arquitetónicos tradicionais, a mensagem que transmitiam permanece plenamente atual.

Podemos ainda viver esta pedagogia do mistério de muitas formas concretas:

- Entrar na igreja com recolhimento e fazer conscientemente uma genuflexão diante do sacrário.
- Guardar silêncio antes e depois da Santa Missa para favorecer a oração.
- Vestir-se de forma adequada como expressão exterior de respeito pelo lugar sagrado.
- Preparar-se através da confissão frequente quando necessário, para receber dignamente a Santa Eucaristia.
- Redescobrir o valor da adoração eucarística como prolongamento do Sacrifício da Missa.
- Ensinar às crianças que cada gesto litúrgico possui um significado, ajudando-as a compreender que a igreja não é um edifício comum, mas a casa de Deus.

Estas práticas não pretendem criar distância entre Deus e o homem.

Pelo contrário, preparam o coração para um encontro mais consciente com Aquele que permanece verdadeiramente presente no Santíssimo Sacramento.

Separar para unir

Existe um paradoxo profundamente cristão.

Deus estabelece limites sagrados precisamente para nos aproximar d’Ele.

O santuário existe para nos conduzir ao altar.

A balaustrada da Comunhão existia para nos conduzir à Santa Comunhão.

O véu preparava o caminho para Cristo.

Toda separação sagrada tem, em última análise, como finalidade a comunhão.

O homem precisa percorrer um caminho.

Precisa compreender que o encontro com Deus o transforma.

Não se entra no mistério de qualquer maneira.

Entra-se através da fé.

Através da humildade.

Através da conversão.

Através da adoração.

Conclusão: redescobrir o significado do limiar sagrado

Vivemos numa cultura que tende a eliminar todas as fronteiras: entre o público e o privado, entre a verdade e a falsidade, entre o sagrado e o quotidiano. Neste contexto, as antigas formas arquitetónicas da Igreja recordam-nos uma verdade profundamente atual: Deus não é simplesmente mais um elemento entre muitos na nossa vida, mas o Senhor do céu e da terra.

O véu, a balaustrada da Comunhão e o presbitério nunca foram pensados para construir muros entre Deus e o seu povo. Foram destinados a educar o olhar e o coração dos fiéis. Indicavam um limiar, convidando os crentes a entrar no mistério da presença divina com respeito, fé e admiração. A liturgia não nos afasta de Deus; introduz-nos progressivamente na comunhão com Ele.

Quando a Igreja preserva cuidadosamente os seus sinais, os seus espaços sagrados e os seus gestos, não está agarrada a um passado arqueológico. Pelo contrário, transmite uma sabedoria espiritual amadurecida ao longo dos séculos. Cada passo em direção ao altar, cada inclinação, cada momento de silêncio e cada ato de adoração proclamam a mesma verdade: o Céu tocou a terra em Jesus Cristo, e em cada Santa Missa somos convidados a participar na liturgia eterna do Céu.

Redescobrir o significado destes “limiares sagrados” pode ajudar o cristão de hoje a recuperar o sentido de maravilhamento diante da Eucaristia, a viver a liturgia com maior profundidade e a compreender que o mistério não é um obstáculo à fé, mas o próprio lugar onde Deus Se revela e transforma o coração humano.

Onde o mundo vê uma barreira, a tradição cristã reconhece uma porta aberta para o encontro com o Deus vivo, que continua a chamar o seu povo:

> ***«Entrai pelas suas portas dando graças, nos seus átrios com hinos de louvor.»***
>
> *(cf. Salmo 100,4)*